



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SARDOAL

ATA N° 2/2023

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

25 de abril de 2023

PRESIDENTE: Miguel Jorge Andrade Pita Mora Alves

1º SECRETÁRIO: Alcina Manuela B. P. Cardoso Almeida

2º SECRETÁRIO: Jorge Gomes

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três pelas dezassete horas, reuniu em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Sardoal, no Sala Polivalente do Centro Cultural Gil Vicente, em Sardoal, com a seguinte Ordem de Trabalhos:-----

Ponto Único: Comemoração do 49º Aniversário do 25 de abril

Seguidamente procedeu-se à chamada, tendo-se verificado a presença dos seguintes deputados da Assembleia:-----

Miguel Jorge Andrade Pita Mora Alves, Adérito Miguel Gaspar Garcia, Joana Marcos Barroso Ramos, Jorge Gomes, Joaquim António Lopes Serras, Rui Manuel Lourenço Valente, Dora Grácio, Marcelo Serras, Jorge Gomes, César Filipe Gonçalves Marques, Paulo Jorge Falcão Lourenço, Adriano Chambel Grácio Martins, Vitor Júlio Outeiro Morais, Miguel Afonso Catalão Alves, Paulo José Casola Pedro, Dora Maria Lavrador dos Santos, Duarte Nuno Alves Batista.-----

Estiveram presentes os Senhores Presidente da Câmara, Vice-Presidente e Vereadores, Pedro Duque e Patricia Silva.-----

Não esteve presente a Senhora deputada Rita Navalho, que justificou antecipadamente a sua falta.-----

Ordem de Trabalhos

Ponto Único: Comemoração do 49º Aniversário do 25 de abril

O Senhor Presidente da Assembleia referiu que esta sessão foi convocada por requerimento do grupo municipal dos deputados do Partidos Socialista, procedendo à leitura do documento, cujo teor é o seguinte:-----

"Comemora-se, dentro de dias, o 49.º aniversário do 25 de Abril de 1974.

49 anos de Liberdade e Democracia devem ser evocados por todos os cidadãos, de modo a que se não perca a memória dos factos e se possa refletir, livremente, sobre o futuro.

A Assembleia Municipal é, por natureza, o órgão representativo de todos os Sardealenses, devendo, no entender dos eleitos integrantes do Grupo Municipal do Partido Socialista nesta Assembleia, ser convocada extraordinariamente para comemorar formalmente esta efeméride, através da promoção de um Debate subordinado ao Tema: "25 de Abril no Sardeal, o caminho da mudança."

Desta forma, os membros da Assembleia Municipal, eleitos pelo Partido Socialista, abaixo assinados, vêm pelo presente, nos termos da alínea b) do nº 1 do artigo 11º do Regimento da Assembleia Municipal de Sardeal, requerer a convocação de uma Assembleia Municipal Extraordinária, para os efeitos mencionados no parágrafo anterior.

Sugerimos a realização desta sessão no próximo dia 25 de abril, a partir das 17:00 horas, para permitir a participação dos Sardoalenses.

Sardoal, 11 de Abril de 2023

Os membros da Assembleia Municipal de Sardoal:

Adérito Miguel Gaspar Garcia

Maria Aida Costa Baptista

Rui Manuel Lourenço Valente

Fernando Cascalheira Vasco

Rita Margarida Passarinho Navalho

Paulo Jorge Falcão Lourenço

Victor Júlio Outeiro Moraes

Miguel Afonso Catalão Alves" -----

Por ter sido o Partido Socialista a requerer a realização desta sessão o Senhor Presidente da Assembleia propôs que fosse este partido a dar início às intervenções. -----

Tomou a palavra o Senhor deputado Adérito Garcia, que referiu o seguinte: -----

"Senhor. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Sardoal,

Senhor. Presidente da Câmara Municipal de Sardoal

Senhoras e Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores Deputados municipais,

Senhora e Senhores Presidentes de Junta

Minhas Senhoras e meus senhores,

Estamos hoje aqui para comemorar O 49º aniversário sobre o 25 de Abril de 1974.

Pelo 2º ano consecutivo, e mais uma vez a requerimento do Partido Socialista, temos oportunidade de, como na grande maioria dos municípios deste país, realizar uma sessão da Assembleia Municipal para celebrar e debater os valores e princípios de Abril de 1974, mas também Abril de 2023. Liberdade, igualdade, fraternidade, e acrescento eu, respeito, justiça, saúde, educação, de entre outros.

E é exatamente por aqui que quero começar a minha intervenção de hoje.

Abril de 2023 amanheceu ferido, ferido no respeito, da justiça e na liberdade.

Amanheceu ferido, porque, hoje, nesta Assembleia Municipal não estamos em condições de cumprir o requerimento apresentado à mesa para o agendamento desta sessão.

O tema que trazemos hoje a debate é "25 de Abril no Sardoal, o caminho da mudança."

Não sei se estamos todos preparados para o debater, uma vez que a ordem do dia

divulgada não o refere, diga-se, em completo desrespeito pelo Regimento por todos nós aprovado.

Este pode parecer um facto menor, mas não o é. Estamos, por isso, em profunda reflexão sobre esta matéria, e em tempo oportuno voltaremos a ele.

Entrando assim no tema que nos trás aqui, não posso deixar de enunciar algumas das principais mudanças que o 25 de Abril de 74 nos trouxe:

Logo a iniciar, o direito ao voto livre, motivo pelo qual aqui estamos hoje. Foi com a aprovação da primeira Constituição da República Portuguesa que foi instituído o poder local, como órgão democraticamente eleitos, e ao serviço do povo.

O direito à educação, que hoje todos tanto valorizamos, e que permitiu a muitos de nos continuar a estudar. Antes, só era possível para alguns, de famílias mais favorecidas.

A saúde. Foi abril que abriu caminho para a criação do Sistema Nacional de Saúde que temos hoje. Sim, não é perfeito. Todos o sabemos. Mas antes simplesmente não existia. O Estado não assumia o papel de cuidador. O acesso a cuidados de saúde estava vedado a quem o podia pagar, ou a quem tinha a coragem de trocar uma semana de fome pela consulta para o filho.

Abril permitiu a Segurança Social, que tentar dar a todos uma vida minimamente condigna.

Só com o novo poder local foi possível abrir estradas, e levar a rede de esgotos e a água potável a mais concidadãos.

Só com o regime democrático foi possível aderir à então Comunidade Económica Europeia (CEE).

Foi Abril que nos trouxe a liberdade de opinião, o direito a não concordar, a poder assumir e declarar abertamente o nosso desacordo. Foi abril que abriu caminho para a oposição política, tanto no Poder local como na Assembleia da República.

Abril terminou com o período da ditadura, da polícia política - a PIDE, terminou com a guerra colonial, que a tantos marcou, pelos mais diversos motivos.

O caminho de Abril não está terminado, Abril está em constante evolução, com passos menos bons e outros no sentido certo.

Os valores de Abril estão todos os dias à prova. Em Portugal e no mundo.

Cabe-nos a nós continuar a trilhar este caminho, para uma sociedade melhor e mais forte.

Pela paz, pela Liberdade,

Viva o 25 de Abril,

Viva a democracia

Viva Portugal

Viva o Sardoal -----

Tomou a palavra a Senhora deputada Joana Ramos para dizer o seguinte: -----

“A liberdade serve-nos essencialmente para fazermos a diferença.

Palavras leva as o vento e as intenções sem substância do fazer, pouco valor têm.

O nosso tempo é pouco e valioso. Discutir o que fazer pelo presente e futuro é de máxima importância, mas com poucas linhas podemos coser as linhas gerais desse futuro que almejamos.

Mas o mais importante é sabermos que quando temos esse poder, como nós aqui temos, de aprovar, de discutir, de refletir temos de o acompanhar de uma força indomável.

Para fazer. Fazer. Fazer.

Com energia, empenho e dedicação. Com o contributo dos que sabem as coisas que nós não sabemos fazer.

Desse modo faremos certamente a diferença.

Fazendo.

A obrigação da transparência nas nossas ações, no nosso trabalho, nas nossas ambições...este é o passo a seguir à liberdade, tendo-a bem cimentada como todos acreditamos que está.

A liberdade é individual e também coletiva. Quanto mais indivíduos se sentirem livres mais fácil é chegar a liberdade coletiva. A força está tanto no todo como no individual.

O individual tem de continuar a pressionar, a exigir para que o coletivo se mantenha coerente e digno.

Na escola há transparência nos processos, em várias atividades profissionais há transparência.

Continuemos a exigir transparência dos que nos governam para que os populismos não se tornem demasiado fortes para nos engolirem e voltarmos a estaca zero.

Com honestidade intelectual todos podemos fazer o nosso trabalho e cumprir a missão que nos foi confiada quando votaram em nós.

A liberdade traz responsabilidade. Sempre

A liberdade parece-me consolidada 49 anos depois. A responsabilidade em fazer este país maior e melhor é que ainda não está consolidada e para isso temos de trabalhar todos os dias. Porque a liberdade é um dado adquirido para pessoas que pensam livremente, que respeitam o próximo e fazem dos seus dias um exercício de cidadania.” -----

Tomou a palavra o Senhor deputado Fernando Vasco, lendo um texto seu, cujo teor se transcreve: -----

“ São quatro e vinte da tarde. A campainha expande a sua sonoridade pelos corredores e salas de aula. A saída simultânea de centenas de jovens do Padre António Vieira transforma o largo fronteiro num corrupio colorido com as cores vivas de Abril em Maio de 1969. A greve académica, o encerramento da Universidade e a detenção em Coimbra de vários estudantes iluminava a aquisição da consciência de alguns jovens de quinze anos. Criam-se salas-convívio, organizam-se sessões de canto livre, abordam-se temas tabus (Saravah de Vinicius para o Padre Armindo) e, no final do ano escolar, com o alto patrocínio do regime (Saravah para Helena Dá Mesquita), leva-se à cena o trabalho realizado durante o ano na atividade circum-escolar de Teatro: Vicentino, pois claro, mas também a «Excepção e a Regra» de Bertolt Brecht. (Um Saravah também para o Carlos Avillez, Jorge Listopad e Dennis Cintra que por lá passaram trocando as voltas à censura). Encena-se a peça «Os Mortos sem Sepultura»>, num rés-do-chão de uma casa particular de Alvalade, consome-se «A Náusea», bebe-se «Porque não sou cristão», saboreia-se «Escuta Zé Ninguém» e dá-se um olhar pelo mundo através da «Salut les Coupains»>.

São quatro e vinte da tarde. Temos quinze anos, «vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar» nem a Sofia, nem o Fanhais, nem o Zeca e muito menos esquecer que em Outubro se irão realizar eleições legislativas para a Assembleia Nacional. Salmos de Alvalade, descemos a Avenida de Roma em direção ao Campo Pequeno e subimos ao 1.º andar do Palacete situado na esquina da Rua Duque d'Avila. Chegámos à sede da CDE, movimento de oposição ao regime, que congregava grande parte dos opositores. De lá saímos com o símbolo da CDE, parecido com um «pé de galo», agrafado nas lapelas das nossas camisolas. Com o peito aberto e os olhos a esbugalharem cidadania, passeámos este emblema Avenida de Roma acima, Avenida de Roma abaixo, muito para além de Outubro, até Novembro chegar.

Chega 1973, dezanove anos de idade - um pé em África, outro em França. No Terreiro do Paço apanhamos o barco para o Barreiro. Dirigimo-nos à coletividade «Os Franceses». À entrada sente-se um ambiente conspirativo, mas controlado. A DGS está presente, com toda a certeza. No palco, uma grande mesa a todo o comprimento, onde se sentam os candidatos da oposição às eleições para a Assembleia Nacional a 28 de Outubro. A contrastar, no topo da mesa, um agente da GNR, devidamente aprumado com a farda n.º 1, senta-se vigilante durante toda a reunião. Na parede, entre outros, destaca-se um grande pano branco com a inscrição: «Liberdade para José Magro - 20 anos de prisão». O

comício decorre normalmente. Após o encerramento da Sessão, à salda, sente-se mais uma vez a presença dissimulada da polícia política. Há que ser discreto, olhar várias vezes para todos os lados e inspirar o perfume de Abril que por ali passou.

Fevereiro de 1974: um livro de capa branca escrito por um General, Portugal e o Futuro, desassossega os pensamentos impulsiona novos actos. Abril não se limita a fazer-se anunciar. Abril quer agir.

A 16 de Março, no Largo do Rato, onde nos encontrávamos nesse final de manhã, passava, em grande velocidade, uma coluna armada da PSP. Soubemos, mais tarde, que o Regimento de Infantaria das Caldas tinha saído, em direcção a Lisboa, com o objectivo de derrubar o regime mas ainda não tinha sido desta que a liberdade saíra à rua.

Naquela manhã de 25 de Abril de 1974, assim que ouvi a retransmissão do primeiro comunicado do MFA no Rádio Clube Português, saltei da cama e pensei: hoje é que é! Desci a Alameda em passo de corrida, tentando devorar toda a informação disponível. Ao chegar ao «trabalho», já era detentor de alguma informação consolidada: o quartel do Carmo estava cercado pelo MFA e os Comandos encontravam-se bem perto da Alameda, mais propriamente a cercar o quartel da Legião na Penha de França. Por se encontrar mais perto, foi esta a opção que tomamos - ir apoiar a Tropa para a Penha de França. Apoiar, mas como? Só obtivemos resposta a esta nossa pergunta, quando chegámos junto dos Tropas dos Comandos que cercavam o quartel da Legião e verificámos que os mesmos não tinham comida para se alimentarem enquanto durasse a sua missão. Entramos no velho Austin A 40 e dirigimo-nos às nossas casas e levamos tudo o que encontrámos: leite, fruta, pão, tudo quanto tínhamos. Soubemos mais tarde que o mesmo se passou em todos os outros locais onde se encontravam soldados. Foi assim que a Festa começou. Com o Povo de Lisboa a alimentar a libertação.

Abril finalmente chegou! Chegou aos vinte anos de idade e, com ele, os dias deixaram de ter noites, as horas deixaram de ter minutos e os minutos deixaram de ter segundos. Porque, aos vinte anos de idade, temos “todo o Mundo” pela frente!” -----

*De seguida tomou a palavra o Senhor deputado Duarte Batista que referiu o seguinte: -----
“Neste quadragésimo nono aniversário do 25 de abril, é importante salientar os valores da liberdade alcançados desde então. Se para a minha geração, a ditadura foi algo que felizmente não sentimos na pele, isso não invalida deixarmos de lutar afincadamente pela nossa liberdade, pelos nossos princípios, pelos nossos direitos, sobretudo por um futuro melhor.*

Até há bem pouco tempo, julgávamos nós, que esse tempo estaria acorrentado a um passado longínquo onde nunca mais quereríamos voltar, mas as últimas legislativas mostraram estarmos errados, dando palco político a autênticos populistas, com ideias fascistas, que não auguram nada de bom para a nossa sociedade.

Se na altura existia a censura, hoje a nossa liberdade de expressão é enorme, alavancada por uma brutal evolução tecnológica, sobretudo ao nível das redes sociais, acesso fácil à informação, rápida difusão da notícia, entre outros, não invalida que tenhamos um pensamento crítico sobre determinado tema, e até quem sabe, questionar a sua veracidade.

Pelo simples facto de estarmos a viver momentos muito controversos no atual panorama político nacional, não invalida que nos viremos para políticas xenófobas, ditatoriais e extremistas. Há um longo caminho a percorrer no que há defesa da nossa liberdade consiste. Resta a todos nós todos, enquanto decisores locais, convergir sinergias, e sermos exemplos práticos nessa matéria.

Foi com estes ideais que me propus ao escrutínio político, são estes ideais bem fundamentados na liberdade que me revejo quer pessoalmente, quer politicamente. São estas bases que quero transmitir e sobretudo deixar para os meus filhos. As gerações vindouras desfrutarão do que deixarmos para elas. Foi assim que os meus bisavós, avós e pais fizeram. É este um dos nossos papéis fulcrais enquanto sociedade civil.

Viva a Liberdade.

Viva o 25 de Abril!" -----

Foi dada a palavra à Senhora deputada Aida Batista que procedeu à leitura de um texto de Clara Ferreira Alves, e que a seguir se transcreve: -----

"Tão Felizes que Nós eramos

"Anda por aí gente com saudades da velha portugalidade.

Saudades do nacionalismo, da fronteira, da ditadura, da guerra, da PIDE, de Caxias e do Tarrafal, (...), da tuberculose infantil, das mulheres mortas no parto, dos soldados com madrinhas de guerra, (...), do serviço militar obrigatório, (...), dos denunciantes e informadores e, claro, dessa relíquia estimada que é um aparelho de segurança.

Eu não ponho flores neste cemitério.

Nesse Portugal toda a gente era pobre com exceção de uma ínfima parte da população, os ricos. No meio havia meia dúzia de burgueses esclarecidos, exilados ou educados no estrangeiro, alguns com apelidos que os protegiam, e havia uma classe indistinta constituída por remediados.

(...)

Neste filme a preto e branco, (...), podia observar-se o mundo português continental a partir de uma rua. O resto do mundo não existia, estávamos orgulhosamente sós. Numa rua de cidade havia uma mercearia e uma taberna. Às vezes, uma carvoaria ou uma capelista. A mercearia vendia açúcar e farinha fiados. E o bacalhau. Os clientes pagavam os géneros a prestações e quando recebiam o ordenado. (...).

(...)

Como não havia educação alimentar e a maioria do povo era analfabeta ou semianalfabeta, comia-se açúcar por tudo e por nada e, nas aldeias, para sossegar as crianças que choravam, dava-se uma chucha embebida em açúcar e vinho. A criança crescia com uma bola de trapos por brinquedo, e com dentes cariados e meia anã por falta de proteínas e de vitaminas.

Tinha grande probabilidade de morrer na infância, de uma doença sem vacina ou de um acidente por ignorância e falta de vigilância, como beber lixívia.

As mães contavam os filhos vivos e os mortos era normal. Tive dez e morreram-me cinco. (...) havia raquitismo e poliomielite e o povo morria cedo e sem assistência médica. Na aldeia, um João Semana fazia o favor de ver os doentes pobres sem cobrar, por bom coração.

(...)

Os homens embebedavam-se com facilidade e batiam nas mulheres, as mulheres não tinham direitos e vingavam-se com crimes que apareciam nos jornais com o título 'Mulher Mata Marido com Veneno de Ratos'. A violação era comum, dentro e fora do casamento, o patrão tinha direito de pernada, e no campo, tão idealizado, pais e tios ou irmãos mais velhos violavam as filhas, sobrinhas e irmãs. Era assim como um direito constitucional. Havia filhos bastardos com pais anónimos e mães abandonadas que se convertiam em putas. As filhas excedentárias eram mandadas servir nas cidades. Os filhos estudiosos eram mandados para o seminário.

(...)

O trabalho infantil era quase obrigatório porque não havia escolaridade obrigatória. As mulheres não frequentavam a universidade e eram entregues pelos pais aos novos proprietários, os maridos. Não podiam ter passaporte nem sair do país sem autorização do homem. A grande viagem do mancebo era para África, nos paquetes da guerra colonial. Aí combatiam por um império desconhecido.

(...)

Havia presos políticos, exilados e clandestinos. O serviço militar era obrigatório para todos os rapazes e se saíssem de Portugal depois dos quinze anos aqui teriam de voltar para apanhar o barco da soldadesca.

A fé era a única coisa que o povo tinha e se lhe tirassem a religião tinha nada. Deus era a esperança numa vida melhor. Depois da morte, evidentemente. "

A terminar, socorro-me de Manuel Alegre, para lembrar que Abril a tudo isto permitiu dizer "não"!

É possível viver sem que seja de rastos

Os teus olhos nasceram para olhar os astros

Se te apetece dizer Não, grita comigo Não!" -----

Foi dada a palavra à Senhora deputada Alcina Manuela dizendo que para si, o dia 25 de abril é um dia muito caro pois também viveu o antes 25 de abril conseguindo ver toda a mudança e toda a maravilha que este dia conseguiu trazer, portanto não pode deixar passar esta data sem dar o pequeno contributo, o qual, leve a que os ideais do 25 de Abril se possam vir a cumprir ainda hoje. -----

Este dia, a comemoração do quadragésimo nono aniversário, foi a prova que a democracia revelou estar forte e coesa, perante as ameaças populistas e caceteiras que ainda se viram neste dia na Assembleia da República, tendo sido triste e feio o que se passou, mas demonstrou que a democracia está forte e coesa. -----

A Senhora deputada disse nunca poder deixar de agradecer a todos aqueles e aquelas que de algum modo contribuíram com a sua luta e muitas vezes com a própria vida para que o 25 de abril se realizasse e neste espírito de gratidão terminou a sua intervenção, citando uma frase "*Foi bonita a festa pá, fiquei contente ainda guardo reticente um velho cravo para mim.*" -----

Viva o 25 de abril, viva a liberdade, 25 de abril sempre nos nossos corações. -----

Foi dada a palavra ao Senhor deputado Rui Valente referindo que gostaria de ser otimista relativamente à democracia do país, estando muito preocupado com a mesma, porque o que se passou naquele dia é triste e a continuar assim não sabe se se vai ter democracia. --

O Senhor deputado leu uma passagem do livro "O futuro a democracia", que diz que, "*Embora a panorâmica da democracia em muitas comunidades políticas seja bastante desanimadora, é importante que se encarem devidamente as perspetivas, pede-se, justificar um pessimismo excessivo, no que refere ao futuro dos governos democráticos, um otimismo demasiado pode cegar-nos em relação às dificuldades e superar pela democracia. A atitude mais acertada não é otimista nem pessimista, mas uma tentativa de*

melhoria que apela aos nossos melhores esforços, no sentido de ver as coisas como são e melhora-las tanto quanto nos é possível.

Os defensores da democracia têm motivos para se preocupar seriamente em relação ao seu futuro, mas possuem também boas razões para não perder a esperança. Resta fazer o que se puder para melhorar as condições da democracia. Em muitas comunidades tais esforços podem obter um sucesso continuado e muito crescente.

Em resumo, quaisquer que sejam as perspectivas mundiais da democracia, a verdade é que nos contextos limitados em que a democracia tem sido, ou será substancialmente realizada nas vidas humanas, tem mais probabilidades de conhecerem um maior bem-estar, prosperidade e maior satisfação do que sob qualquer outra forma de governo humano.” -----

Referiu ter lido este excerto, porque de facto a democracia em Portugal, para si, está em risco e se continuarem cegos, irá ter-se muitas preocupações no futuro. -----

Referiu ainda que o autor do livro dizia que para haver liberdade tem que haver três classes, liberdade, igualdade, fraternidade, acrescentando o Senhor deputado a solidariedade. -----

A liberdade é uma condição para a prática da democracia, a igualdade é um ponto central para a justificação da democracia, a fraternidade é uma pressuposição da existência de qualquer democracia, sem existir liberdade, igualdade, fraternidade e solidariedade não existe democracia. Viva ao 25 de Abril. -----

Foi dada a palavra ao Senhor Vereador Pedro Duque que disse o seguinte: -----

“Ao comemorar o quadragésimo nono aniversário do 25 de Abril importa, desde logo, apelar para a necessidade de ter presente que a Liberdade e a Democracia são bens demasiado preciosos que por quase 50 anos consecutivos não estiveram ao alcance no nosso país e que ainda hoje escasseiam para uma grande parte da humanidade.

Para além de honrar aqueles que não só por via da revolução levada a cabo pelos militares de Abril, mas também aqueles que durante décadas, e sujeitos às mais variadas atrocidades, lutaram com os meios que tinham ao seu alcance, nas Escolas, nas Universidades, nos seus locais de trabalho, na imprensa altamente condicionada, pugnando sempre pelos mais elementares direitos de cidadania, desde logo – A Liberdade e o direito à opinião e à participação cívica incondicionada, as gerações posteriores a Abril têm a responsabilidade de dar continuidade e consolidar os direitos adquiridos com a Revolução.

No entanto, uma parte significativa da população, os que têm menos de 70 anos, habituaram-se, enquanto cidadãos adultos, a viver sempre em Democracia, acabando muitas vezes por não dar o devido valor à rotina da prática democrática, nomeadamente no que diz respeito aos atos eleitorais e à participação cívica que lhe está inerente.

Quando ouvimos jovens, com 20 e 30 anos, fazerem ponto de honra no facto de não votarem, nem tão pouco estarem recenseados, alegando, com tom pretensamente intelectual, que não o farão, faz-nos lembrar o velho argumento dos teóricos do regime anterior de que a nossa população não estaria preparada para viver em democracia e consequentemente assumir os seus próprios destinos.

Pelo contrário, esta geração de jovens, nascidos e criados em Democracia, para quem a liberdade é natural e um dado adquirido, são igualmente a geração mais capacitada e habilitada (sobretudo em termos académicos), devem pugnar para que possam passar à geração seguinte uma democracia que tenha cada vez mais sentido e seja efetiva para todos.

Não podemos descansar ou achar que tudo está garantido, principalmente no atual cenário geo-político internacional, onde inesperadamente na Europa tida como o Continente modelo em matéria de Democracia e segurança política, com demasiada facilidade e frieza é perpetrada uma violenta guerra que põe em causa a soberania de um Estado, que sem hesitar, já matou umas dezenas de milhares de Cidadãos, muitos deles civis.

Por outro lado, a demissão do exercício dos mais elementares direitos e deveres de cidadania, de forma consciente ou por omissão, é abrir terreno para que movimentos populistas com discursos fáceis e cuja matriz ideológica contrasta e colide precisamente com os principais direitos de cidadania, vão proliferando e fazer estender os seus tentáculos alargando as suas fileiras, muitas vezes com elementos radicais.

No entanto, a democracia que tanto custou a conquistar, não pode ser esbanjada, não pode ser desaproveitada.

O nível de desinteresse pela atividade cívica e política, manifestado atualmente por parte das gerações mais jovens afigura-se preocupante.

As gerações mais jovens, têm nesta altura a obrigação de saber manter e consolidar aos direitos e liberdades conquistadas em Abril e com isso garantir a sobrevivência da Democracia.

Vivemos atualmente na era da informação, da comunicação, da imagem, e neste contexto, um sem número de solicitações à distância de um clique afastam facilmente os jovens das atividades cívicas.

Costumam argumentar com frequência que é por serem chatas e serem desinteressantes, mas também e sobretudo por se aperceberem que quem exerce este tipo de atividades cívicas ou políticas, é escrutinado agora como nunca e até à exaustão, vendo muitas vezes vilipendiados os seus mais básicos direitos individuais e privacidade.

Este tipo de Informação ou desinformação, sensacionalista, desenfreada e muitas vezes ao serviço de determinados interesses, está a afastar da atividade política ou até da simples participação cívica, tão somente, e muito possivelmente a geração mais preparada, com mais capacitação, com mais habilitações e com méritos reconhecidos internacionalmente, como nunca até aqui.

Há quarenta e nove anos atrás nada foi fácil.

Desde logo, ao comemorar o 25 de Abril, impõe-se homenagear os militares revoltosos que derrubaram um regime caduco e autoritário. Apesar de desmotivados por sucessivos revezes nas frentes de batalha, sobretudo na Guiné e no Norte de Moçambique, e por insatisfações de carácter corporativo, um importante segmento das Forças Armadas percebeu que, uma vez derrubado o regime, a aderência dos portugueses ao Golpe Militar seria esmagadora.

Foi isso que aconteceu para sucesso da revolução e bem de todos nós.

Após o 25 de Abril viveram-se tempos de natural euforia e de preocupantes exageros, com a turbulência própria de uma "Revolução", que apesar de feita com as armas teve o grande mérito de praticamente não as utilizar.

Por isso celebramos com satisfação e entusiasmo os 49 anos do primeiro e decisivo passo de Portugal rumo à Democracia.

Ao refletirmos sobre o 25 de Abril é imperioso também ter presente a necessidade do nosso país se reafirmar cada vez mais no plano internacional como nação livre e democrática no sentido de ajudar a proporcionar que todos os povos tenham o direito de atingir aquilo que já conseguimos há quarenta e nove anos atrás.

A democracia é um valor de todos e para todos, sem restrições geográficas ou étnicas, de credo, de género ou orientação sexual.

Viva o 25 de Abril

Viva Portugal" -----

Foi dada a palavra ao Senhor Presidente da Câmara para referir o seguinte: -----

“Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio.

E livres habitamos a substância do tempo

Fomos inundados de esperança num poema de Sophia retratando um tempo que nos encheu de vida, que fez renascer um País até então mergulhado num obscurantismo político, económico e social, isolado de uma Europa que avançava em sentido oposto.

A esperança renascida naquela madrugada trouxe sorrisos ao rosto dos portugueses, há muito desgastados pelo cinzentismo que habitava no nosso País.

O País que enviava os seus jovens para uma guerra estúpida da qual ainda hoje uma boa franja da nossa população sofre, por lá terem passado ou por terem lá passado os seus.

“O dia inicial inteiro e limpo”, quarenta e nove anos depois apresenta alguns sinais preocupantes de desgaste, onde o silêncio não pode voltar e com ele todo um entardecer que não queremos que venha de novo a ser uma qualquer noite, uma só seria mais que muito, considerando aquilo que os Portugueses merecem e no respeito por todos os que lutaram e perderam a vida pela esperada madrugada.

49 anos passados, não posso deixar de ficar preocupado com o caminho que estamos a tomar, abrindo enormes brechas na democracia ocupadas pelos populismos extremistas.

Acompanhamos uma Europa com uma enorme crise de definições políticas que, como consequência, direciona-nos para uma, igualmente enorme, crise de valores. Recentemente saídos de um dos períodos mais exigentes da nossa vida comunitária à escala global, a pandemia COVID 19, assistimos a uma guerra de impacto global e de desfecho inimaginável.

Parece ser este o paradigma dos novos tempos, que teima em acelerar a “substância do tempo” em busca, mais uma vez, de um tempo perdido, com fortes implicações nas franjas mais desfavoráveis da nossa população que, cada vez mais, cresce ao ritmo de uma classe média cada vez menos média e cada vez mais abaixo da média.

Não hei-de morrer sem saber

qual a cor da liberdade.

Eu não posso senão ser

desta terra em que nasci

Embora do Mundo pertença

e sempre a verdade vença,

*qual será ser livre aqui
não hei-de morrer sem saber.
Trocaram tudo em maldade,
É quase um crime viver.
Mas embora escondam tudo
E me queiram cego e mudo,
não hei-de morrer sem saber
Qual a cor da liberdade.*

Dou comigo tentando perceber se não nos estamos a aproximar das sábias palavras de Jorge de Sena, bem expressas neste poema.

Claro exagero meu, sem dúvida alguma, mas não será de todo um ingénuo exagero se pensarmos, se refletirmos sobre o ponto em que nos encontramos e se, ao fim de 49 anos continuamos a cumprir abril ou estamos a reverter a caminhada conquistada nesse dia.

Referindo-me a uma das mais bonitas conquistas de Abril, a democratização da Saúde, com a criação do Serviço Nacional de Saúde, não posso deixar de dizer que, passados todos estes anos, importa fazer uma reflexão profunda, mas não inconsequente, sobre o estado a que chegámos.

Miserável o que tem sido feito, miserável como o Serviço Nacional de Saúde tem vindo a ser tratado, principalmente ao longo da última década.

Sinto vergonha alheia por uma classe política que não tem sabido respeitar as necessidades básicas de um País, deixando-o a definhar em filas à porta dos Centros de Saúde, esperando por uma consulta que tarda...tarda... e tarda...deixando-o definhar nas longas filas de espera por uma consulta que tarda...tarda e tarda... deixando-o a definhar por um exame, um tratamento que tarda...tarda e tarda...deixando-o definhar numa qualquer sala de um serviço de urgência, num mais que parecido ambiente de um cenário de guerra.

São estas políticas, ou melhor, a ausência delas, que matam, matam silenciosamente como se morre numa guerra, como se morre numa pandemia.

Há um País que se prepara para as comemorações dos 50 anos do dia 25 de Abril de 1974. Um país que se prepara para a animação, para o foguetório, para os discursos de motivação duvidosa, enquanto os seus vão morrendo por um esquecimento travestido de incompetência.

Porque teimamos em ferir abril passados todos estes anos?

Abril não é aquele dia naquele ano.

*Abril é o dia e todos os dias do mesmo ano.
Abril é todos os anos e não só um dia de um qualquer ano.
Termino com palavras de Miguel Torga...
Livre não sou, mas quero a liberdade.
Trago-a dentro de mim como um destino.
E vão lá desdizer o sonho do menino
Que se afogou e flutua
Entre nenúfares de serenidade
Depois de ter a lua!
Viva o 25 de Abril" -----*

Tomou a palavra o Senhor Presidente da Assembleia para discursar o seguinte: -----

"Disse Francisco Sá Carneiro em 1975, num comício:

"O 25 de Abril foi, para todos nós, o fim da ditadura. Os heróicos militares que prepararam e executaram a revolta realizaram um acto de libertação de si mesmos, mas consigo mesmos quiseram libertar Portugal inteiro."

"O 25 de abril de hoje é imperfeito mas é a mais perfeita das imperfeições, o 25 de abril nasceu para criar a insatisfação e a ambição", disse o Presidente da República hoje na Assembleia da República. No fundo, não podemos ficar no imobilismo e no marasmo quando vemos a degradação do Estado e do nosso País e temos o direito e o dever de lutar por um Portugal melhor. O 25 de abril é irreverência e esse sentimento tem que ser a nossa força motriz.

Para mim, o 25 de abril é passado (é lembrança), é presentemas também e principalmente, é futuro.

Todos concordaremos que o verdadeiro desígnio do 25 de abril ainda não se realizaram plenamente. Pessoalmente acho até que nos últimos anos houve um retrocesso nesses desígnios que se observam na inoperância e na falência de algumas instituições em Portugal.

O que assistimos hoje na sessão solene da recepção ao Presidente Brasileiro Lula da Silva por parte de alguns deputados é um ato populista e lamentável, contrário ao que o 25 de abril nos propõe, que é tolerância, respeito pelas opiniões opostas, respeito pelas instituições democráticas. O que o 25 de abril nos deu foi a possibilidade de discordarmos da opinião do nosso opositor no cumprimento das regras democráticas e das instituições, foi isso que foi difícil de conquistar.

Como escreveu Adelino Maltez: "A democracia é um diálogo com o adversário. Enquanto eu considerar o adversário como inimigo, não há democracia. A coisa mais bonita desses anos iniciais do abrilismo foi acabar com os inimigos e passar a ter adversários, de quem me tornei amigo."

Por outro lado e no lado oposto, também não podemos ter a memória curta e esquecer que quando os que erradamente se autoproclamaram donos do 25 de abril, se ausentaram do parlamento na Assembleia da República quando o presidente da Ucrânia, Vladimir Zelensky foi orador, foi também um ato anti-democrático.

Ou seja, os extremos tocam-se e ofendem a democracia. Os extremos fazem mal à Liberdade e à Democracia, quer sejam de direita ou esquerda.

É para mim também difícil de entender o pudor exacerbado de uma certa esquerda quando se choca com uma alegada não demarcação do PSD em relação a um partido e dos seus ideais, com toda a razão genericamente falando mas depois esse mesmo pudor desaparece, inexplicavelmente, quando o presidente do Brasil, Lula da Silva, fora de Portugal, porque em Portugal mudou de ideia, apaga a história e ignora a invasão da Rússia pela Ucrânia, colocando lado a lado os dois países nas responsabilidades da guerra, ignorando o genocídio que todos assistimos e onde Portugal enquanto país de uma Europa democrática, se coloca no lado certo.

O uso da expressão 25 de abril: o caminho da mudança usado fora do contexto nacional ainda que de forma metafórica tem um significado político provocatório e até desrespeitoso que quer fazer dos outros ingénuos, mas aqui ninguém é ingénuo. Quero acreditar que a política é um espaço de homens sérios, moderados e de bom senso... é esse o ensinamento que devíamos retirar de quem depois de tanta luta conseguiu o equilíbrio democrático que hoje podemos usufruir.

A discussão política sobre o Sardoal tem sempre palco nos períodos antes da ordem de trabalhos e nas ordens de trabalho de todas as reuniões desta Assembleia. Querer dar outro cunho com este tema a esta comemoração é afrontar o bom senso que todos devemos ter, não é intelectualmente honesto.

A mudança terá sempre lugar, mudar é um verbo lindo, que eu gosto muito, precisamos muito desse verbo, todos os dias precisamos de alterar trajetórias para atingirmos os nossos objetivos e não estagnarmos dormência e Portugal hoje, está dormente.

A ditadura que acabou no 25 de abril e que aqui hoje comemoramos não era entre outras coisas, o sequestro do Estado por um partido único? E depois o PREC não foi a tentativa de controlo e nacionalização das empresas pelo Estado? Não encontramos nos dias de hoje,

na nossa política, situações paralelas e pontos de contacto com esses tempos? Será este o caminho certo para Portugal? Não estará aí a razão de tanta indignação nas ruas, que felizmente a coberto da democracia expressam a sua indignação. Devemos pensar nisso e tirar as nossas conclusões.

Assim, a estagnação da economia, a perda do poder de compra, a ultrapassagem consecutiva pelos países de leste mais recentes na União Europeia ao nível do PIB per capita e dos rendimentos individuais e qualidade de vida consequente, devem-nos preocupar.

Como sair desta situação?

Como promover um crescimento partilhado e sustentável como aspeto vital do desenvolvimento económico?

Quais as estratégias de introdução de novas tecnologias, de digitalização e de crescimento verde, que políticas de inovação, de formação, de criação de emprego qualificado e de combate das desigualdades?

Como aumentar a produtividade, geradora de crescimento económico e dos rendimentos e promover a estabilidade e a segurança?

Será que existe competência no governo para definir e executar as ações necessárias ou, sequer, coragem para enfrentar as verdades desagradáveis sobre os desafios que enfrentamos coletivamente?

Quando vamos ter a justiça a funcionar e a deixar de assistir a prescrições sucessivas e inexplicáveis que minam a confiança nas instituições e na democracia justa?

Quanto mais tempo demorarmos a enfrentar os desafios, maiores serão os custos a longo prazo.

No seminário internacional sobre a Coesão, realizado na semana passada (dia 18), a comissária Elisa Ferreira frisou que a esmagadora maioria das regiões portuguesas têm um PIB per capita inferior ou igual a 70% da média da União Europeia. É um valor extraordinariamente baixo, que classifica todos o resto do país como atrasado, nem sequer em transição.

A democracia não ficou plena após o dia 25 de abril, precisou de vários contributos de gente moderada para atingir essa plenitude.

Foi também por causa de homens moderados e ponderados que o 25 de abril foi diferente de outros dias que não efetivaram a mudança.

O 25 de abril é uma obra inacabada. Não bastarão os discursos, com mais ou menos retórica e demagogia, mais ou menos inflamados, tenhamos todos os verdadeiros

democratas a coragem, a ambição, a irreverência e a inquietude para continuar este trabalho e atingirmos os objetivos de um país moderno, evoluído e justo.

Viva ao 25 de abril, viva Portugal!" -----

Não havendo mais nada a tratar, foi pelo Senhor Presidente da Mesa, encerrada a sessão, eram dezoito horas, da qual se lavrou a presente ata. -----

O Presidente da Assembleia Municipal _____

O Primeiro Secretário _____

O Segundo Secretário _____